



SE AS PAREDES PUDESSEM FALAR: UMA ETNOGRAFIA DE TELA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CASAIS LÉSBICOS

Amanda Nunes de Assis; Frederico Rafael Gomes de Sousa; Juliana Fernandes; Xênia Diógenes Benfatti

Universidade de Fortaleza (UNIFOR) / amandanassis@edu.unifor.br

Neste trabalho realizamos um estudo bibliográfico associado à etnografia de tela do filme *Desejo Proibido* (2000). O objetivo da investigação foi enveredar pelos elementos históricos acerca da representação social da identidade lésbica e articulá-los às narrativas propostas na película, que retrata em um mesmo cenário, ou seja, na mesma casa, porém em distintos tempos, as histórias de três casais de mulheres lésbicas, que enfrentam as vicissitudes do amor. A etnografia de tela é uma pesquisa qualitativa, por meio da qual se assiste e analisa uma narrativa fílmica, a fim de realizar um diálogo não apenas objetivo de captação de dados, mas essencialmente de interpretação subjetiva dos elementos que compõem a obra. Nos resultados da análise pudemos perceber a evolução das representações sociais das identidades lésbicas retratadas, pois observamos desde à invisibilidade desses relacionamentos à sua proteção por meio dos direitos defendidos e proclamados através de lutas, especialmente do movimento feminista. Estes sujeitos existem e precisam ser reconhecidos e valorizados pelo que são de fato, e não pelo que pensam dele.

Palavras-chave: Construção histórica; Representação social; Lésbicas; Etnografia de tela.

INTRODUÇÃO

Pensar a sexualidade, em termos de sua diversidade, é um desafio contemporâneo que emerge a partir da segunda metade do século XX, quando começaram a aparecer grupos sociais organizados e surgiram os primeiros estudos científicos menos preconceituosos sobre a homossexualidade (PIASON, 2008). Nesta pesquisa, o objeto de estudo tomado foi a discussão da representação social de casais de mulheres lésbicas, em diferentes contextos históricos, retratados no filme *Desejo Proibido* (2000).

O filme é composto por três histórias diferentes, mas com grandes similaridades: todas as histórias retratam o amor romântico experimentado por casais, todos os casais são

formados por mulheres lésbicas e todos os casos retratados se passam na mesma casa, em épocas distintas. Para Giddens (1993), o amor romântico suscita uma questão de intimidade e cria uma história compartilhada, que separa o relacionamento de outros aspectos da organização familiar, priorizando-o e dando-lhe uma classificação especial.

A primeira história do filme acontece em 1961. Edith e Abby vivem juntas há 30 anos, até que Edith sofre um acidente vascular cerebral e morre. Sua companheira tem que enfrentar sozinha a dor de perder sua amada e, como se essa perda não fosse suficiente, tem que lidar com a ameaça de ser expulsa da própria casa, cuja posse legal era de Edith. A família de Edith não reconhece Abby como a



legítima herdeira e o desamparo emocional e material passam a tomar conta da vida dela.

A segunda história se passa em 1972 e se inicia com a expulsão de Linda, a protagonista, e suas amigas, todas jovens feministas lésbicas, de um grupo feminista que se reunia no campus da universidade em que estudavam. Elas vão para um bar e lá Linda conhece Amy, uma lésbica que esteticamente aproxima-se das representações do masculino. Essa nova relação é alvo de desaprovação e preconceito das amigas de Linda, que se vê obrigada a enfrentar as amigas e seu próprio preconceito.

O terceiro e último segmento do filme, ambientado no ano 2000, narra a história de um casal de mulheres lésbicas tentando engravidar através de inseminação artificial. Fran e Kal se deparam com alguns questionamentos: devem solicitar o esperma pela internet ou em um banco de espermas?; Como escolher o melhor doador?; Qual o melhor procedimento para a inseminação? E, o mais importante, é certo trazer ao mundo um bebê que com toda certeza sofrerá com o preconceito?

No contexto atual, torna-se cada vez mais importante a construção histórica da representação social das identidades sexuais: heterossexuais e homossexuais, gays e lésbicas, entre outras. Neste trabalho nos ocuparemos da transformação ocorrida na

representação social de casais de mulheres lésbicas no decorrer no tempo.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com um caráter qualitativo com delineamento descritivo-exploratório (NEVES, 1996; LIMA; MIOTO, 2007; GIL, 2010). Para Neves (1996), a pesquisa qualitativa assume diferentes significados dentro das ciências sociais, podendo ser definida como um conjunto de técnicas interpretativas que tem como objetivo descrever, decodificar, traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social, reduzindo assim, a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação.

A análise de dados foi realizada em dois momentos. Em um primeiro momento, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o movimento feminista e a representação social da mulher lésbica e, num segundo momento, fizemos a etnografia de tela.

Para Flick (2009), a revisão bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado e tem a vantagem de permitir ao pesquisador uma cobertura mais ampla dos fenômenos do que aquela que ele poderia alcançar diretamente. Marconi e Lakatos (2003, p. 183) afirmam que ela “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de



um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”, que podem proporcionar meios para definição e resolução de problemas antigos bem como a exploração de novas áreas de pesquisa.

A revisão bibliográfica foi complementada com a etnografia de tela, fazendo o que Penafria (2009) define como uma espécie de diálogo entre elas, buscando saber, entre outras coisas, quais cenas se interligam com o objeto de estudo do pesquisador.

De acordo com Balestrin e Soares (2014), uma imagem possibilita múltiplas leituras e “a tela seria uma das possibilidades concretas de apresentar e constituir a chamada realidade. A tela torna-se uma teia de discursos. Discursos esses que fazem as realidades existirem, persistirem e, por vezes, modificarem-se” (p. 92).

Para as autoras, fazer uma etnografia de tela significa transportar métodos típicos da pesquisa antropológica (longa imersão do pesquisador no campo, observação sistemática, registro em diário de campo etc.) para a realização destas leituras, sem nenhuma pretensão de objetividade.

Os filmes são realizados e assistidos dentro de um contexto social e cultural, por isso é preciso reconhecer de que posição estamos o assistindo/analizando e o que ele nos provoca/incita. Esta é a grande diferença

entre a etnografia de tela e a análise fílmica: na etnografia, o pesquisador está imerso no “campo” (filme) e suas percepções, impressões e sensações influenciam na sua análise (BALESTRIN; SOARES, 2014).

Para realizar a etnografia, seguimos alguns procedimentos: longo período de contato com o filme, observação sistemática e variada, registro em diário de campo e a escolha (e descrição) das cenas para análise. O critério de escolha das cenas foi que elas fossem produtivas à articulação com o referencial teórico.

Diante disso, selecionamos a categoria ‘trajetória histórica da representação social da mulher lésbica’ para análise neste trabalho, que será apresentada no item a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada história do filme *Desejo Proibido* retrata uma forma diferente de vivenciar uma relação homossexual entre mulheres. A primeira delas narra a história do casal Abby e Edith. Abby é uma senhora de cabelos brancos, com vestidos florais e comportamento muito discreto e tímido, que se aproxima da imagem que se tem do feminino. Já Edith é uma mulher que se aproxima mais da representação ligada ao masculino (usa calças, blusas folgadas e cabelos curtos) e é mais comunicativa e assertiva. Sua relação é afetiva, com funções



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

definidas: enquanto Abby cuida das coisas da casa (alimentação, arrumação etc.), Edith é responsável pelo quintal e jardim. Para a sociedade da época, elas passam a imagem de duas amigas que dividem a casa.

Na segunda história, Linda, uma das personagens principais, se veste como uma hippie (blusas folgadas, calças jeans, cabelos longos), correspondendo à figura que se espera de uma mulher mais livre naquela época. Já Amy, sua parceira, se veste e se comporta a partir de um estereótipo masculino. Usa ternos, calças sociais, anda de moto, tem cabelos curtos e faz gestos cavalheirescos, típicos dos homens do contexto histórico retratado no filme.

Amy não se apresenta assim por identificar-se com o gênero masculino, mas sim porque faz sentido para ela aquela forma de se comportar e sente-se confortável. Isso fica explícito no diálogo travado entre ela e Linda:

Linda: “Eu sou a mulher e você é o homem?” - Amy: “Não.” - Linda: “Então porque você se veste assim?” - Amy: “Porque assim me sinto a vontade.” - Linda: “Pensa em si como mulher?” - Amy: “Acha que não sei o que pensam de mim? Essa sou eu. Não posso ser de outro jeito” (DESEJO PROIBIDO, 2000, 60’17”).

Em sua relação, Amy assume uma posição mais firme, enfrentando a sociedade e as amigas de Linda. Para Linda, assumir a relação com Amy é mais difícil porque

significa ir contra o que as amigas definem como “certo”: a mulher pode ser lésbica, mas sem perder a feminilidade.

Fran e Kal, o casal retratado na terceira história do filme, não mostram no corpo, nos gestos ou na maneira de se vestir diferenças tão grandes entre elas. Fran se veste usando roupas mais coloridas e divertidas já Kal se veste de forma mais sisuda. Elas também diferem no comportamento. Enquanto Kal é responsável pelas decisões do casal, atitudes que se “espera” socialmente de um homem, Fran se ocupa mais das tarefas domésticas e acata as decisões de Kal sem questionar. Elas já são reconhecidas como família por algumas instâncias e têm planos de terem um filho através de inseminação artificial.

Piason (2008, p. 16) afirma que “tanto o sujeito ‘homossexual’ quanto o sujeito ‘mulher’ são criações e construções sociais que dividem o mundo em dois pólos opostos e hierarquicamente definidos” e que, apesar de sempre terem existido pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo, o comportamento sexual não constituía um marcador de identidade. Isto só se deu a partir do Século XIX, quando o que antes era considerado crime ou castigo, passou a ser considerado anormalidade, doença. Neste momento, a ciência, que ganhou *status* de verdade absoluta, afirmava que a biologia



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

apresentava as raízes das diferenças entre homens e mulheres e, ao mesmo tempo, argumentava que a relação entre ambos era complementar, devendo cada um desempenhar o papel que lhe fora determinado pela “natureza” (PIASON, 2008).

“O nascimento do termo homossexual é também o início de uma problemática e de uma intolerância que sobrevive até os nossos dias” (PIASON, 2008, p. 21), iniciando assim as representações sociais sobre o termo e gerando o que Jurberg (2001) denomina como dupla moral sexual, na qual tudo é válido no campo da sexualidade, desde que seja distante dos olhos do “outro”.

Acerca da representação social, vale considerar o conceito de Oliveira e Werba (2007) que a definem como a versão contemporânea do senso comum, isto é, o conjunto de conceitos, proposições e explicações que se originam na vida cotidiana e equivalem aos sistemas de crenças e mitos das sociedades tradicionais. A sociedade cria a representação social de um fenômeno na tentativa de tornar familiar o não-familiar.

Dentre os vários aspectos da representação social está a sexualidade que, se entendida como um “dispositivo histórico”, de acordo com Foucault (1988), é algo inventado socialmente e banhado por vários discursos que ditam aquilo que é verdadeiro sobre as práticas, que regula e normatiza e

pendularmente se prescreve o que não é verdadeiro. Foucault (1993) ressalta ainda que tal dispositivo é entendido como uma rede costurada socialmente através de discursos, leis, padrões, medidas administrativas, ciência, enfim, tudo o que é dito e não dito que influencia na forma em que as pessoas vivem.

A construção social da sexualidade, por sua vez, é influenciada por vários fatores: sexo biológico, o sexo psicológico ou sexo de criação, até a identidade social de gênero e as ideologias que formam a identidade cultural, incluindo as relações de poder. Se um indivíduo pertence a determinado grupo, a ele será atribuída todas as características do grupo em questão, sejam positivas ou negativas. Esta atribuição de características gera um estereótipo que, por sua vez, dá origem ao preconceito (JURBERG, 2001).

Kern e Silva (2009) afirmam que as representações que historicamente foram cristalizadas são determinantes na construção do preconceito existente à homossexualidade, que sempre esteve presente no mundo e se apresenta de formas tão distintas quanto a própria organização cultural e moral na história da sociedade e a experiência lésbica se apresenta apenas como mais uma possibilidade de experimentar o “ser mulher”.

No filme temos várias representações sociais sobre relacionamentos lésbicos, que



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vão desde uma total invisibilidade, passando pela luta e pelo reconhecimento até chegar a existência dos sujeitos de direitos.

Logo na primeira cena do filme, Abby e Edith estão em um cinema, assistindo a um filme no qual há uma declaração de amor entre duas mulheres, a cena “expulsa” algumas pessoas do cinema e torna-se chacota para jovens que estão assistindo. As personagens sentem-se constrangidas, o que é percebido pela rigidez corporal que apresentam. Na saída, o porteiro se oferece para acompanhá-las como se fossem duas mulheres solteiras e, portanto, desprotegidas. No caminho até a casa elas são alvos de olhares e risos, pela forma diferente de se portarem. Há uma tentativa de invisibilização do casal ao mesmo tempo em que há um estranhamento com a situação.

Este apagamento da relação é repetido quando Abby sofre um acidente vascular cerebral (AVC) e é levada ao hospital por Edith. Após passar a noite esperando notícias, a enfermeira informa a Edith que Abby faleceu. Edith questiona porque não a avisaram e pergunta se pode vê-la. A resposta é: “Infelizmente só é permitido para a família. A senhora é da família?” Ao que Edith responde: “Não, sou só amiga. Uma boa amiga.” (11’25”).

Na segunda história as lésbicas já começam a se definir como tal e há um

enfrentamento da sociedade em relação a isso. Conhecemos Linda numa cena em que ela e suas amigas são expulsas de um grupo de feministas por se assumirem lésbicas. Ainda que para o grupo isso não tenha importância, a Universidade onde o grupo se reúne proibiu os encontros caso elas permanecem nas reuniões. Nas suas imagens, Linda e suas amigas não se diferenciam das outras mulheres, mas no comportamento sim. Elas se assumem enquanto lésbicas e estão dispostas a enfrentar as consequências disto.

Ao sair da Universidade, Linda vai com as amigas a um bar de lésbicas, onde se deparam com outra representação de mulher: “a que se veste de homem”. Neste bar ela conhece Amy, que sofre preconceito das próprias amigas de Linda, que não aceitam o diferente e em seus discursos falam da normatização de ser lésbica.

Na terceira história, Fran e Kal já vivem sua relação abertamente, mas não são reconhecidas como família por todos. Essa falta de reconhecimento pode ser percebida na dificuldade de adotar um filho e pode ser ilustrada na fala de Kal que afirma: “Era mais fácil você me engravidar que uma agência autorizar a adoção” (74’36”), no momento em que elas estão discutindo sobre a possibilidade adoção de uma criança pelas vias legais.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

De acordo com Pedro (2005), o feminismo desempenha um papel crucial na tentativa de fazer a história das mulheres serem narrada por outras mulheres. Como movimento social, o feminismo pode ser definido como um conjunto de ideias e práticas que, tendo o poder de subverter, mudar e transformar a lógica patriarcal na qual vivemos, visa equiparar os sexos (masculino e feminino) no tocante a direitos cívicos e políticos, promovendo uma conscientização da igualdade de direitos e desnaturalizando a submissão feminina (FERNANDES, 2012).

Os movimentos pelos direitos das mulheres se iniciaram no século XVIII, na Revolução Francesa, mas só se consolidaram de forma mais estruturada e organizada a partir do final do século XIX e início do século XX, quando o movimento sufragista, que lutava pelo direito feminino ao voto, iniciou o que depois veio a ser classificada como a primeira onda do feminismo (FERNANDES, 2012).

Na medida em que o feminismo defendia as mulheres, acabava por alimentar a diferença sexual que procurava eliminar e buscava criar uma identidade feminina universal, o que continuava a estabelecer “amarras” em posições, que apontam para um lugar fixo e essencialista para cada gênero (PIASON, 2008), além de não responder a

grande questão que todas queriam: porque as mulheres, em diferentes sociedades, eram (e são) submetidas à autoridade masculina, nas mais diversas formas e nos mais diferentes graus? (PEDRO, 2005).

A mudança comportamental que o feminismo proporciona às mulheres pode ser vista na diferença de atitude entre as personagens nas três histórias.

Em 1961, quando Abby morre, Edith muda toda a configuração da casa delas para a chegada do sobrinho da companheira. Ela transfere suas roupas, sapatos e objetos pessoais para o outro quarto, tira as fotos da parede e tenta esconder quaisquer traços que indicassem que as duas tinham um casamento. Quando o sobrinho chega, age como se ela fosse apenas uma amiga da tia e se acha no direito de já pegar os bens para si, não dando qualquer importância à presença e à dor de Edith, que aceita calada, resignada à sua inexistência como companheira de Abby.

O ano de 1972, quando se passa a história seguinte, foi um período de surgimento e expansão no feminismo, Linda tem forças para enfrentar a sociedade e as amigas e assumir seu relacionamento com Amy. Uma cena muito emblemática desta atitude é quando as duas estão na casa de Amy e esta a “desafia” a beijá-la na frente do vizinho, que as observa com olhar espantado. Este beijo informa ao vizinho (e ao



telespectador) que ela é livre para amar quem quiser e que vai lutar por esta liberdade.

Fran e Kal, na terceira história que se passa nos anos 2000, já são atravessadas pelos resultados das lutas feministas. Elas já não sentem mais a necessidade de esconder sua relação e decidem ir atrás de seu sonho de serem mães, ainda que tenham que atravessar muitas barreiras.

Piason (2008), afirma que as lésbicas também devem ser contempladas enquanto sujeito “mulheres” do feminismo e

[...] assumir que o sentido de “mulher” se alterou ao longo do tempo, implica em assumir que aqueles/aquelas, que atualmente defendem formas não tradicionais de compreendê-lo, não podem ser deixados de lado, sob a simples alegação de que suas posturas e interpretações contradizem os padrões usuais (PIASON, 2008, p. 30)

A diferença só aparece quando se tem um referencial hegemônico. Historicamente, a heterossexualidade foi institucionalizada como compulsória e só era considerada “mulher de verdade” aquela que fosse mãe, esposa, bela, jovem e sedutora. Para Piason (2008),

“qualquer atitude que afaste a correspondência de um ser humano nascido com o sexo feminino de seu papel de gênero de mulher, em nossa sociedade heterocentrada e machista, acaba por ser extremamente vigiada e cobrada” (p. 51).

Esta comparação deixa de fora todas aquelas que não seguem o padrão heteronormativo. As mulheres lésbicas que se assemelham às heterossexuais passam despercebidas e as que vivem sua feminilidade de forma diversa não são consideradas mulheres verdadeiras. Uma das condições para ser uma mulher de verdade é ter relacionamentos sexuais com homens (PIASON, 2008) e isso não acontece no filme, o que tornaria todos os personagens femininos “mulheres de mentira”.

O fato de uma mulher realizar atos sexuais com outra mulher não define a sua identidade lésbica, no sentido de papéis sexuais, o que a define são os múltiplos símbolos que constituem esse sujeito, neste sentido, “o ‘não assumir’ pode estar associado simplesmente ao desinteresse por alguns símbolos e comportamentos associados à lesbianidade, ou ao conjunto de significados a ela atribuídos” (ALMEIDA; HEILBORN, 2008, p. 233).

A homossexualidade feminina é vivenciada, escrita e falada, mas, aparentemente, não se percebe uma real abertura para a existência de tal discurso e nos estudos sobre a homossexualidade persiste a opressão e a hierarquização de gênero. Assumir-se lésbica torna a mulher vulnerável às violências de todos os tipos, por isso muitas preferem o silêncio. Este silêncio é



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cada vez mais facilmente quebrado. Na construção da identidade lésbica temos que levar em conta que estas mulheres buscam uma autenticidade, querem se sentir inteiras, sem segredos.

Considerando que a história das mulheres quase sempre é contada a partir da perspectiva masculina, o filme *Desejo Proibido* foge à regra. Ele é dirigido e produzido por mulheres, e tem seu elenco predominantemente composto por mulheres. As personagens retratam as diversas formas de 'ser mulher'. Já na sua abertura, mostra mulher como donas de casa, cantoras, atrizes, militares, telefonistas etc. Nas histórias, há mulheres completamente adequadas às normas de sua época, outras que vão de encontro ao 'padrão', algumas mais masculinizadas e outras que se vestem e agem de forma única, pessoal, enfim, o filme cumpre o que a abertura promete: mostrar que todas as mulheres são diferentes entre si, ainda que tenham algo em comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização desse trabalho consideramos o cinema como a "Arte da Vida", expressão visual e imediata de todos os sentidos humanos e capaz de emocionar a todos, por se tratar de uma linguagem universal capaz de colocar em tela quer o mundo exterior, quer o mundo interior.

Realizar a análise do filme *Desejo Proibido* foi equivalente a analisar a "vida real", no tocante ao processo e transformação da representação social de casais lésbicos.

No filme, o fato de todos os personagens principais serem mulheres liga todos os sujeitos. Este elemento de ligação também pode ser representado pela casa, que serve de cenário para todas as histórias.

A forma como a sociedade percebe a mulher lésbica e seus relacionamentos passou de uma total invisibilidade até a conquista de direitos legais. Nesta evolução, o feminismo foi de fundamental importância, na medida em que ele deixou apenas de reivindicar direitos civis e passou a exigir que a sociedade reconhecesse as mulheres, inclusive as lésbicas, como sujeitos singulares e não como possuidoras de uma identidade universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G.; HEILBORN, M. L.. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 1, p.225-249, sem. 2008. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/102/78>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

BALESTRIN, P. A.; SOARES, R.. "Etnografia de tela": uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 89-111.

DESEJO proibido. Direção de A. Heche. Produção de M. Kane. Eua: Hbo Films, 2000.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FERNANDES, J.. **Mulher e política: a experiência vivida de mulheres no exercício do poder político.** 2012. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www2.unifor.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=900551>. Acesso em: 27 mar. 2016.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa.** 3ª ed. Porto Alegre: Boockman / Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade, V.1: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JURBERG, M. B. (2001). A construção social da sexualidade: da identidade biológica à identidade sócio-cultural de gênero. **Revista Scientia Sexualis**, v. 7, n. 2, pp. 25-40, 2001.

KERN, F. A.; SILVA, A. L. da. A homossexualidade de frente para o espelho. **Psico**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p.508-515, out./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4939/4938>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10, n. , p.37-45, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10/nspe/a0410spe.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades. **Cad. de Pesq. em Adm.**, São Paulo, v. 1, n. 3, p.1-5, 2º sem. 1996. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2016.

OLIVEIRA, F. O. de.; WERBA, G. C. Representações sociais. *In*: JACQUES, M.G.C. *et al.* **Psicologia social contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 2007.

PEDRO, J.M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p.77-98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

PENAFRIA, M. Análise de filmes - conceitos e metodologias. *In*: **Anais do VI Congresso SOPCOM** [online]. Abril, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-pena-fria-analise.pdf>> Acesso em 26 mar. 2016.

PIASON, A. da S. **Mulheres que amam mulheres: trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas.** 2008. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://meriva.pucrs.br:8080/dspace/bitstream/10923/4879/1/000411106-Texto+Completo-0.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T.T. da.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença.** Petrópolis: Vozes, 2007.